

Ao lado dos modernos Cieps, escolas tradicionais aguardam reformas

137

Infiltrações, vidros quebrados, fiação condenada e inundações frequentes. Em maior ou menor proporção, esta é a situação de cinco escolas da rede municipal, situadas na área geográfica atendida pelo recém-implantado Centro Integrado de Educação Popular (Ciep) de Acari e pelo de Irajá, ainda em fase final de construção. Naquelas unidades, cujo custo individual está estimado em Cr\$ 3,9 bilhões, as instalações minuciosamente projetadas por Oscar Niemeyer contrastam com as goteiras, mofo e pintura descascada presentes nos prédios da rede tradicional.

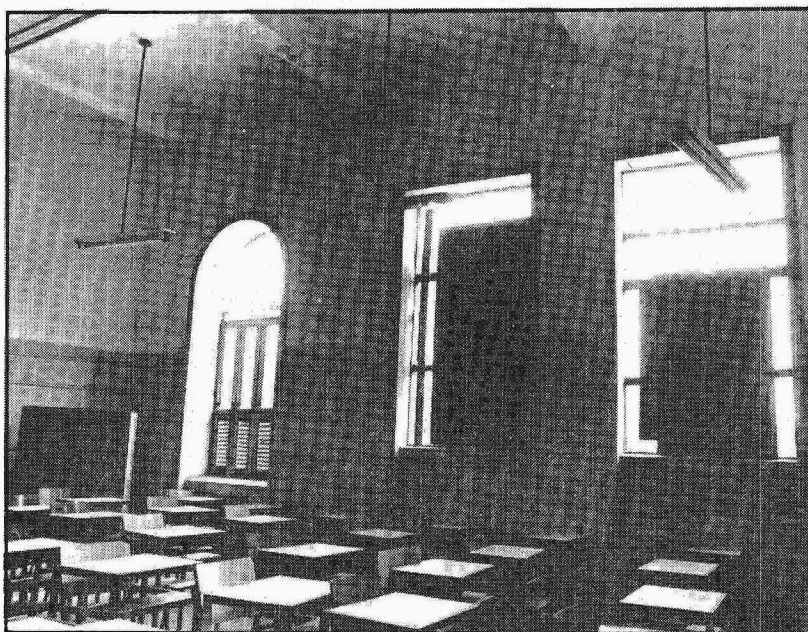
Localizadas a menos de um quilômetro do Ciep de Irajá, as escolas Municipais Alípio Miranda Ribeiro e Firmino da Costa, em Coelho Neto, precisam de reformas urgentes. A primeira — um barracão de alumínio, compensado e zinco construído em 1962 — tem infiltrações em suas nove salas de aula, está com todos os vidros quebrados, sem luz e com buracos em várias de suas paredes. Em muitas salas as placas do forro se desprenderam e nos banheiros as divisórias dos sanitários estão danificadas.

— Nesta época do ano — diz o Diretor-Adjunto, Antônio Balarini, — nossos 450 alunos não sofrem tanto, porque o calor retido pelo telhado de zinco até os aquece do frio. No verão, é difícil ficar aqui dentro, a escola vira uma sauna.

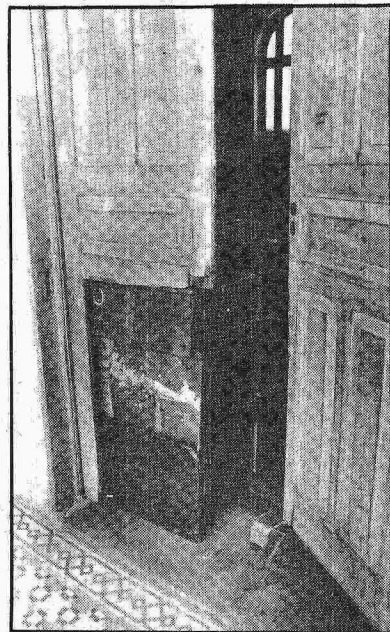
Apesar de atender apenas crianças do CA, Jardim e 1ª Série, e de ter uma classe especial para deficientes auditivos, a escola não dispõe de qualquer aparelhagem para atender os alunos especiais, nem de brinquedos específicos para o Jardim. O Diretor pretende promover uma campanha para sensibilizar os empresários da região e conseguir essas doações para o colégio.

No Ciep de Acari os alunos não convivem com esses problemas. Há material didático suficiente para todas as turmas e idades, além de instalações adequadas para todo o Primeiro Grau. Um quadro que contrasta com a precariedade da Escola Municipal Firmino da Costa, onde os 390 alunos do CA a 4ª série fazem rodízio para caber nas cinco salas de aula existentes. Estas, por sua vez, estão cheias de infiltrações — o telhado de madeira apodreceu — e com o sistema elétrico totalmente comprometido. As portas e janelas estão quebradas, os bebedouros sem água e as descargas dos banheiros com vazamentos.

— A gente reza pra não chover — diz a Secretária Margarete Canella Menezes — porque cada temporal que cai alaga todo o forro e infiltra mais água aqui para dentro.



Madeira e papel substituem vidros nas janelas da sala 2 da Escola Santos Dumont



A porta quebrada na Evangelina Batista